

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS-PORTUGUÊS E LITERATURA DE
LÍNGUA PORTUGUESA

LOVANI WOJCIECHOWSKI SILVA

A ESCRITA DE AUTORIA FEMININA DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL NO
RIO GRANDE DO SUL: UMA ANÁLISE DA OBRA *O ONTEM DO AMANHÃ*,
DE MARIA DINORAH

Bagé
2025

LOVANI WOJCIECHOWSKI SILVA

**A ESCRITA DE AUTORIA FEMININA DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL NO
RIO GRANDE DO SUL: UMA ANÁLISE DA OBRA *O ONTEM DO AMANHÃ*,
DE MARIA DINORAH**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras Português e Literaturas de Língua
Portuguesa da Universidade Federal do
Pampa, como requisito parcial para
obtenção do Título de Licenciada em
Letras Português e Literaturas de Língua
Portuguesa.

Orientadora: Professora Doutora Zíla
Letícia Goulart Pereira Rêgo

**Bagé
2025**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

S581e Silva, Lovani Wojciechowski

A escrita de autoria feminina de literatura infantil
e juvenil no Rio Grande do Sul: Uma análise da obra O ontem do
amanhã de Maria Dinorah. / Lovani Wojciechowski Silva.

36 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)--
Universidade Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS E LITERATURAS
DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2025.

"Orientação: Zíla Letícia Goulart Pereira Rêgo".

1. Escrita . 2. Feminina . 3. Literatura . 4.
Infantil. 5. Juvenil . I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

LOVANI WOJCIECHOWSKI SILVA

**A ESCRITA DE AUTORIA FEMININA DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL NO RIO
GRANDE DO SUL: UMA ANÁLISE DA OBRA *O ONTEM DO AMANHÃ*, DE MARIA
DINORAH**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Licenciatura em Letras Português
e Literaturas de Língua Portuguesa, da
Universidade Federal do Pampa, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciado em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 16 de julho de 2025.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Zíla Letícia Goulart Pereira Rêgo
Orientadora
(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Isabel Cristina Ferreira Teixeira
(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Cristina Arena Forli
(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **ZILA LETICIA GOULART PEREIRA REGO**, **PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 16/07/2025, às 17:43, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ISABEL CRISTINA FERREIRA TEIXEIRA**, **PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 16/07/2025, às 17:59, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **CRISTINA ARENA FORLI**, **PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 17/07/2025, às 14:25, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1787299** e o código CRC **429FF4BB**.

Referência: Processo nº 23100.011930/2025-22 SEI nº 1787299

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por estar comigo em cada passo dessa caminhada, dando-me força e saúde para seguir, mesmo nos momentos mais difíceis.

À minha orientadora, Prof. Dra. Zíla Letícia Goulart Pereira Rêgo, muito obrigada pela paciência, dedicação e por acreditar no meu trabalho. Sua orientação fez toda a diferença.

À minha família, que sempre esteve ao meu lado, apoiando-me com amor e incentivo.

E, com todo o meu carinho, agradeço, especialmente, aos meus filhos, Lucas e Fernanda, que são minha maior motivação. Por vocês, tudo vale a pena. Obrigada por existirem e por me inspirarem todos os dias.

“Pela maior parte da história, o anônimo
foi uma mulher”.

Virginia Woolf

RESUMO

A pesquisa parte da compreensão de que, historicamente, as mulheres foram sistematicamente silenciadas, tanto na sociedade, quanto na produção artística e na literatura. Durante séculos, ocuparam posições secundárias no seio familiar e social, tendo suas vozes deslegitimadas ou apagadas pelos discursos dominantes, majoritariamente masculinos. Na literatura, isso se refletiu na exclusão das mulheres dos espaços de consagração, na invisibilidade de suas obras e na constante desvalorização de suas produções, que muitas vezes foram julgadas por critérios patriarcais que questionavam a capacidade intelectual e criativa feminina. A literatura infantil, por sua vez, também enfrentou resistência enquanto campo legítimo de expressão literária. Além disso, a literatura infantil e juvenil também enfrentou preconceitos no campo literário, sendo considerada, por muito tempo, uma vertente menor ou meramente educativa. O que dificultou ainda mais o reconhecimento das autoras que nela atuavam. Diante desse cenário, o estudo busca compreender as características sobre a escrita feminina, considerando a literatura infantil e juvenil produzida no Rio Grande do Sul, a partir da obra *O ontem do amanhã* (1988), da autora gaúcha Maria Dinorah.

Palavras-chave: Escrita feminina. Literatura infantil e juvenil. Maria Dinorah. *O ontem do amanhã*.

ABSTRACT

The research is based on the understanding that, historically, women have been systematically silenced, both in society and in artistic and literary production. For centuries, they occupied secondary roles within the family and social spheres, having their voices delegitimized or erased by dominant, predominantly male discourses. In literature, this was reflected in the exclusion of women from spaces of recognition, the invisibility of their works, and the constant devaluation of their productions, which were often judged by patriarchal standards that questioned women's intellectual and creative abilities. Children's literature, in turn, also faced resistance as a legitimate field of literary expression. Moreover, children's and young adult literature was long regarded with prejudice in the literary field, considered a lesser or merely educational branch. This made it even more difficult for female authors working in this area to gain recognition. In light of this scenario, the study seeks to understand the characteristics of women's writing, focusing on children's and young adult literature produced in Rio Grande do Sul, through the analysis of the work *O ontem do amanhã* (1988), by the Gaucho author Maria Dinorah.

Keywords: Women's writing; Children's and young adult literature; Maria Dinorah; *O ontem do amanhã*.

LISTA DE TABELAS

Figura 1- Bandeira do Brasil com grades	29
---	----

LISTA DE SIGLAS

PUCRS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UNIPAMPA - Universidade Federal do Pampa

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DE LITERATURA.....	14
2.1 Levantamento da questão de pesquisa.....	14
2.2 A escrita feminina.....	15
2.3 A escrita feminina no RS.....	19
2.4 Uma autora e suas obras: Maria Dinorah.....	20
2.4.1 O feminino na literatura infantil e juvenil.....	22
3 ANÁLISE DA OBRA: <i>O ONTEM DO AMANHÃ</i>	26
3.1 A voz feminina em <i>O ontem do amanhã</i>	30
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
5 REFERÊNCIAS.....	35

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como tema uma reflexão sobre a escrita feminina de literatura infantil e juvenil no Rio Grande do Sul. Para tal, analisa a obra *O ontem do amanhã* (1988) da escritora gaúcha Maria Dinorah. Este trabalho justifica-se, pois sabe-se que o machismo é algo que está arraigado no íntimo da sociedade, em que a mulher esteve sempre à sombra, considerada inferior, desempenhando papéis voltados à família, exercendo a função de filhas, mãe e esposa. As mulheres demoraram muito tempo para conseguir exercer papéis fora desse âmbito familiar, tendo que provar serem capazes de desempenhar qualquer coisa que se proponham a fazer.

É neste mesmo contexto de discriminação que a Literatura Infantil insere-se. Que, por muito tempo, não foi sequer considerada literatura de prestígio, e sim uma literatura inferior.

Tendo em vista esse cenário e a partir das construções feitas com as leituras e as discussões sobre as obras *A costa dos murmúrios* (2009) de Lídia Jorge, e *Cadernos de memórias coloniais* (2011), de Isabela Figueiredo, nas aulas de Literatura de Língua Portuguesa, em que as autoras descrevem a Guerra Colonial em uma perspectiva feminina, surgiu a curiosidade sobre o tema e o seguinte questionamento: Como ocorre a escrita feminina de literatura infantil e juvenil do Rio Grande do Sul a partir da obra *O ontem do amanhã* (1988) da escritora Maria Dinorah.

Este trabalho tem como objetivo principal analisar a escrita feminina de literatura infantil e juvenil do Rio Grande do Sul a partir da obra *O ontem do amanhã* (1988), da escritora gaúcha Maria Dinorah.

Os objetivos específicos são:

- a) Pesquisar e compreender características da escrita feminina;
- b) Realizar estudos sobre a literatura infantil e juvenil do Rio Grande do Sul;
- c) Analisar como a obra da autora Maria Dinorah é voltada para o público infantil e juvenil.

O trabalho encontra-se estruturado em três capítulos. O primeiro apresenta o tema, os objetivos e a justificativa da pesquisa. O segundo desenvolve o embasamento teórico, abordando os principais conceitos sobre escrita feminina, o panorama da literatura infantil e juvenil no contexto sul-rio-grandense, e a trajetória da autora. O terceiro capítulo é dedicado à análise literária da obra escolhida, com ênfase nas representações femininas e nas marcas da experiência da mulher na narrativa. Assim, a pesquisa busca contribuir para a valorização da literatura escrita por mulheres e para o fortalecimento de um olhar crítico e sensível à presença feminina na formação leitora desde a infância.

2 CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Levantamento da questão de pesquisa

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi necessária uma busca por estudos já realizados com a temática Literatura Infantil e Juvenil, mulher autora e gaúcha. Dentre os textos analisados, destaca-se *A produção literária sul-rio-grandense contemporânea (1976-2016)*.

Em *A produção literária sul-rio-grandense contemporânea (1976-2016)*, as pesquisadoras Magali Lippert da S. Almeida, Marlon Mello de M. Almeida e Júlia de Andrade Gomes, do grupo de pesquisa LEIA (UFRGS/IFRS), buscaram mapear toda a produção literária entre os anos de 1976 e 2016, no Rio Grande do Sul. Através deste mapeamento, encontrou-se o número de 939 autores, sendo destes, o total de 344 escritores mulheres e 595 escritores homens. Desse grupo, 140 autores dedicaram-se exclusivamente à literatura infantil e juvenil, sendo que 92 são mulheres.

A maioria das pessoas que escreveram Literatura Infantil e Juvenil nesses últimos anos no Rio Grande do Sul são mulheres. Então, cabe a pergunta sobre traços característicos dessa escritura voltada para crianças e jovens, num estado de tradições machistas e patriarcais como o Rio Grande do Sul.

A partir deste mapeamento, as autoras Magali Lippert da S. Almeida e Gabriela Weissheimer, no artigo *Produção Literária das Mulheres Sul-Rio-Grandenses (1976-2016)*, buscaram compreender a quantidade desigual de produção literária das mulheres no Rio Grande do Sul, visto que no mapeamento feito em *A produção literária sul-rio-grandense contemporânea (1976-2016)*, o número de escritores homens supera, em muito, o número de escritoras mulheres. As pesquisadoras abordam o fato de que os homens têm predominância em todas as áreas desde sempre, como por exemplo, na política, na economia e no campo artístico e essa herança de predomínio também se deu no campo da escrita. Ao fazerem um apanhado histórico sobre a literatura escrita por mulheres, elas destacam o nome de Virgínia Woolf, que nasceu na Inglaterra, no século XX, como a principal precursora da literatura feminina. “A obra dessa autora é marcante na medida em que desafia o “jeito masculino” de ver a mulher” (ALMEIDA; WEISSHEIMER, 2018, p. 457). Mais autoras inglesas são destacadas, como Jane Austen, com *Orgulho e Preconceito* (1813), Mary Shelley, com *Frankenstein* (1818), e Agatha Christie, que publicou vários romances e peças. Mesmo as obras dessas autoras sendo estudadas pelo meio

acadêmico, os nomes mais lembrados de escritores de clássicos são os de autores homens.

As mulheres, a partir do século XX, estão conquistando espaços no campo literário. E é na década de 70 que as mulheres brasileiras começam a romper uma barreira e se impor, ganhando espaço. Já, na década de 90, é quando se tem um número de publicações consideráveis de autoria feminina. E, é a partir daí que surgem as autorias das mulheres gaúchas, escrevendo, ainda que exaltando o homem gaúcho.

Em termos quantitativos, segundo as pesquisadoras, nada ainda tinha sido feito que permitisse o acesso a um número maior de mulheres que escrevem literatura no Rio Grande do Sul. Foi através deste mapeamento, feito pelo grupo "LEIA (UFRGS/IFRS)", que se obteve a quantidade, o nome e os gêneros por elas publicados. Portanto, de um total de 933 escritores, apenas 339 são mulheres. Do total, 138 escritores escreveram Literatura Infante e Juvenil, destes, 91 são mulheres, ou seja, dos autores que se dedicam, exclusivamente, à Literatura Infantil e Juvenil no Rio Grande do Sul, a maioria são mulheres.

2.2 A escrita feminina

A escrita feminina, ao longo da história, foi silenciada por estruturas sociais e culturais que negaram às mulheres a condição de autoras legítimas. Como argumenta Tedeschi (2016), a tradição patriarcal impôs um modelo de narrativa histórica, onde o masculino ocupava o centro do discurso, enquanto a experiência feminina era marginalizada, fragmentada ou simplesmente apagada. Escrever, para muitas mulheres, significou transgredir um sistema que as excluía da produção simbólica e da construção da memória coletiva.

Inspirado por teóricas e teóricos como Joan Scott, Pierre Bourdieu, Michel Foucault e Virginia Woolf, Tedeschi defende que o gênero social deve ser compreendido como uma categoria de análise histórica (SCOTT, 1990), capaz de evidenciar como as relações de poder estruturam o discurso e os acessos ao saber. Para Woolf (1929), por exemplo, o gesto de escrever exigia “matar o Anjo do Lar”, ou seja, libertar-se da figura da mulher ideal, submissa e silenciosa, construída pela ideologia patriarcal. Foucault (1987) é evocado por Tedeschi (2016) para refletir sobre o entrelaçamento do poder e do saber: quem tem direito à palavra controla o discurso e define o que é válido como verdade histórica.

Bourdieu (1999), ao discutir o “dom simbólico”, também é citado por

Tedeschi (2016) para pensar as formas sutis de dominação presentes na estrutura social, que moldam o *habitus* feminino e naturalizam a sua exclusão dos espaços de prestígio, como o campo literário. Dessa forma, a escrita feminina é compreendida como um ato de resistência e de reconfiguração da subjetividade. Como afirma Tedeschi (2012), a mulher escritora confronta as fronteiras do “não-dito” e inscreve sua vivência num espaço historicamente reservado ao masculino.

Este capítulo, portanto, propõe uma reflexão sobre a escrita feminina enquanto espaço de subversão, denúncia e afirmação identitária. Recuperando as vozes que ecoam nas brechas da história, busca-se compreender como as mulheres transformaram a escrita em uma prática de liberdade. Ao recontar suas experiências e criar novas formas de representar o mundo, essas autoras não apenas ampliaram o campo literário, mas, também, contribuíram para uma reconfiguração crítica das relações de gênero.

Nesse debate sobre autoria e identidade, é importante mencionar novamente Virginia Woolf, autora britânica que refletiu sobre os desafios simbólicos enfrentados pelas mulheres que desejavam escrever. Em seu discurso "Profissões para Mulheres", Woolf (1931) narra o conflito interno com o "fantasma feminino", a imagem idealizada da mulher boa, submissa e obediente, construída pela sociedade patriarcal. Segundo ela, para alcançar liberdade criativa, foi necessário "matar o Anjo do Lar": “Matá-la me custou caro; foi uma luta dura; me levou muito tempo matar esse ser invisível” (WOOLF, 2002, p. 2-3). Essa metáfora representa a necessidade de romper com as amarras impostas pela tradição para que a mulher pudesse se afirmar como um sujeito criador. Como afirma Teixeira (2021), a mulher precisa encontrar uma escrita que seja sua, um espaço de expressão onde possa afirmar sua presença e subjetividade.

Tem-se, também, Débora Cristina Esser que, no artigo *Literatura de autoria feminina: mulheres em cena, na história e na memória* (2014), apresenta um panorama histórico da condição da mulher no Brasil, destacando o silenciamento sistemático a que foi submetida, especialmente nos campos da produção intelectual

e literária. A autora evidencia que somente a partir da década de 1970 as mulheres começaram a publicar textos sobre o cotidiano, inicialmente em colunas de revistas e jornais. Com o tempo, passaram a produzir receitas culinárias e manuais de cuidados com o lar, conteúdos que, apesar de considerados “domésticos”, proporcionaram expressiva rentabilidade aos meios de comunicação da época.

Essa inserção, embora limitada, marcou o início de uma trajetória de questionamentos por parte das próprias mulheres escritoras. À medida que entravam em contato com textos críticos e reflexivos, começaram a perceber os condicionamentos impostos por uma cultura patriarcal. Esser (2014) aponta que essas mulheres passaram a problematizar sua condição social e intelectual, em especial, após lerem textos de autores que legitimavam o domínio masculino. Esse movimento fomentou uma nova consciência, provocando rupturas nas práticas discursivas até então aceitas.

Nesse contexto, a autora destaca a importância de Machado de Assis como figura central no processo de complexificação das representações femininas na literatura brasileira. Segundo Fitz e Sharpe (1997), Machado de Assis foi um dos poucos escritores latino-americanos do século XIX que explorou de forma crítica e inovadora as questões de gênero e a condição da mulher. Seus personagens femininos, frequentemente dotados de subjetividade, ambiguidade e genialidade, romperam com os estereótipos dominantes e revelaram novas possibilidades para a figura feminina na ficção. Dessa forma, Machado de Assis contribuiu, ainda que de maneira indireta, para a formação de um ambiente literário e intelectual propício ao surgimento de escritoras em gerações futuras.

Então, como de conhecimento, a mulher teve que buscar o lugar de protagonismo, o seu espaço de autoria. Historicamente imposta ao papel de zeladora e responsável pelo lar, a mulher enfrentou restrições que a excluíram de profissões declaradas masculinas. Ainda assim, inseriu-se em campos, como profissional, que somente eram específicos para homens, como por exemplo, na área de segurança pública e na aviação. Mas a mulher, sendo a pessoa responsável pelo lar e pela disciplina dos filhos, tinha no Magistério uma profissão mais acessível, um trabalho designado a ser desenvolvido pelo gênero feminino.

E para o desenvolvimento da escrita literária, a mulher teve um caminho, como todos os outros, bem árduo. Esse caminho começou pela atuação no Magistério, onde ela estava autorizada a assumir essa posição. No Brasil, por exemplo, essa tarefa começou com a publicação de livros para crianças e jovens no início do século XIX. Com essa porta aberta no campo da literatura infantojuvenil, em

que a mulher poderia escrever para esse público, a autoria feminina ganhou impulso e as suas publicações, de uma forma bem discreta, traziam um olhar feminino, sendo essas percepções não consideradas pelos olhos masculinos, que escrutinaram tudo que era escrito por mulheres.

Na década de 70, algumas obras de literatura infantil brasileiras tematizaram essa falta de espaço e de liberdade experimentadas pelas mulheres. Em *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga, a personagem Raquel representa o sentimento de repressão e de silenciamento vivido por muitas meninas, que precisavam esconder suas vontades para se adaptar ao que a sociedade exigia delas. A personagem fala isso no livro, quando afirma: "Eu vivia escondendo vontade. Cada vontade que eu tinha e que parecia esquisita eu escondia" (BOJUNGA, 1976, p. 12).

Esse comportamento reflete o processo de invisibilização ao qual as mulheres foram historicamente confinadas, desempenhando papéis sociais limitados e privados de protagonismo. Essa sensação de apagamento de identidade também é visível na personagem infantil de Bojunga. Ela declara no texto: "Eu me sentia tão pequena, tão insignificante, que era como se eu não existisse de verdade" (BOJUNGA, 1976, p.15), dando evidências de como o sufocamento pelas normas sociais pode gerar a perda do senso de valor pessoal na mulher. Ao longo da história, Raquel vai amadurecendo e começa a expressar seu desejo de autonomia, exemplo disso é quando afirma que: "Meu maior sonho era ser dona da minha vida" (BOJUNGA, 1976, p. 21). Esse anseio pela liberdade ecoa na luta histórica das mulheres para conquistar espaços de fala e escrita. O desejo de "escrever minha história do meu jeito" (BOJUNGA, 1976, p. 21) é, em si, um ato de resistência simbólica contra o silenciamento imposto às mulheres. Mesmo diante de medos e de inseguranças, Raquel demonstrou coragem ao afirmar que "Era um medo danado, mas eu fui mesmo assim" (BOJUNGA, 1976, p. 22), o que reforça a importância do enfrentamento das barreiras sociais para afirmar sua identidade. Dessa forma, a trajetória de Raquel em *A bolsa amarela*, conecta-se diretamente na busca de voz e de autonomia, e traduz os desafios da escrita feminina na história. O exemplo de Raquel como uma personagem que busca suas vontades mesmo guardando-as em sua bolsa, mostra como foi a construção da escrita feminina, um tecer de ideias guardadas em uma bolsa para poder aos

poucos ser retirada e usada nesta construção de reconhecimento, de liberdade e de autoria feminina.

Essa construção da autoria feminina na literatura ultrapassa fronteiras nacionais e encontra, também, no contexto regional, importantes manifestações de resistência e de expressão. No Rio Grande do Sul, a escrita literária protagonizada por mulheres revela um processo de afirmação identitária que dialoga com os desafios históricos enfrentados pelas autoras em todo o Brasil. Assim como a personagem Raquel, de *A Bolsa Amarela*, que inicia sua trajetória escondendo suas vontades para, aos poucos, assumir sua voz, muitas escritoras gaúchas tiveram que transitar por espaços de silenciamento antes de conquistarem o reconhecimento.

Logo, é importante analisar como a escrita feminina no cenário sul-rio-grandense consolidou-se ao longo do tempo, destacando autoras, temáticas e formas narrativas que romperam com os padrões patriarcais e abriram espaço para a pluralidade de vozes femininas. Ao fazer isso, propõe-se a reflexão sobre os caminhos trilhados pelas mulheres na literatura do Rio Grande do Sul e a sua contribuição para a valorização da autoria, da diversidade e da equidade de gênero na produção cultural brasileira, como apresentado a seguir.

2.3 A escrita feminina no RS

Em *Um cânone masculino: poesia feminina no Rio Grande do Sul* (2021), Ariel Oliveira Leite de Souza aponta que historicamente a escrita feminina ocupa uma posição periférica nas histórias da literatura, sendo assim, também, no cânone brasileiro. O autor afirma que, segundo Schüller (1987), é forte a presença da mulher na literatura do Rio Grande do Sul no século XIX, diferente do resto do país.

A afirmação de Souza (2021) é endossada pelo artigo *A escritura feminina sul-rio-grandense*, de Gilda Neves da Silva de Bittencourt, quando afirma que a situação da escrita de literatura feita por mulheres no Rio Grande do Sul não difere da que dominou no restante do Brasil e da América Latina com a sua exclusão do cânone e o preconceito contra a mulher como produtora de cultura. Sendo o Rio Grande do Sul um lugar em que as atividades estão ligadas ao campo com criação de gado em que se exigia força e resistência física, e que foi palco de grandes disputas por territórios fronteiriços, a literatura gaúcha entre os séculos XIX e XX, produziu uma sociedade machista, tornando prioritários os valores da força física, da bravura e do ímpeto guerreiro. Nesta sociedade patriarcal, a mulher era um ser de

desnecessário, sem vida própria e sua falta de instrução contribuiu muito para isso.

A literatura ajudou a representação artística a reproduzir a mesma situação de desvalorização e de inferiorização da mulher. As personagens femininas na literatura gaúcha até o início do século XIX ocupavam um lugar de subordinação. No campo da produção literária, em relação ao do homem, também era mínimo. As poucas escritoras reforçavam esse ideal patriarcal de “superioridade masculina”, endossando esses ideológicos dominantes.

No Rio Grande do Sul, no início da década de 60, surgiram escritoras que começaram a encarar o desafio da escrita, buscando trazer, mesmo que de forma tímida, temas que dessem um certo protagonismo feminino. Essas autoras passaram a trazer para a literatura suas inquietações, dando voz a sua visão feminina, que por tantas vezes, foi silenciada. Uma escritora que se destaca no Rio Grande do Sul nesse período de transformação é Maria Dinorah, cuja obra foi voltada para o universo da literatura infantil e juvenil.

2.4 Uma autora e suas obras: Maria Dinorah

Maria Dinorah Luz do Prado, filha de Antônio Luz e Adylles Dinorah Britto Luz, nasceu em Porto Alegre no dia 13 de maio de 1925, e passou sua juventude em Torres - RS. No final da década de 30, voltou a morar na região metropolitana. No ano de 1943, casou-se com o médico Luiz Bastos do Prado com quem teve quatro filhos. Ficou viúva em 1963 e mudou-se para Porto Alegre em 1964.

A autora começou sua vida profissional como alfabetizadora e, no ano de 1967, formou-se em Letras pela Faculdade Porto-Alegrense de Filosofia, Ciências e Letras. Foi professora em escolas da capital e da grande Porto Alegre por mais de duas décadas, tendo, também, atuado como Coordenadora do Setor de Promoções Culturais da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul. Realizou o curso de Pós-Graduação em Literatura de Língua Portuguesa na UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) em 1970 e, no ano de 1978, com a dissertação “*A literatura infantil de Érico Veríssimo*”, orientada pelo professor Guilhermino Cesar, obteve o grau de Mestra em Literatura de Língua Portuguesa pela UFRGS, quando aprofundou seus conhecimentos em Literatura Infantil.

Com uma produção literária de aproximadamente 100 títulos, Maria Dinorah tem sua primeira obra publicada no ano de 1944, com o livro *Alvorecer*. Na sequência, pelos próximos dez anos, publicou apenas dois títulos, *No tempo e na vida* (1952) e *Seara de Luz* (1962). O que até aqui deu-se de forma esporádica, torna-se frequente, sendo seus livros adultos, a maioria de poesia, mas muitos de literatura infantil e juvenil. Maria Dinorah publicou também livros paradidáticos como: *Educando para o trânsito* (1971) e *O trânsito vai à bicholândia* (1971) e também a crítica literária em: *O livro infantil e a formação do leitor* (1995) e *O livro na sala de aula: uma alternativa em educação e leitura* (1987).

Na rádio Feplam/RBS, dos anos de 1988 a 1989, organizou e apresentou o Programa Viva o Livro, em que comentava a produção da Literatura Infantil do País, atuando também como colunista de crítica literária e colaborando por anos em vários jornais brasileiros, como o Folha da Tarde, Diário da Tarde, Jornal do Comércio, Correio do Povo, Lidador e Zero Hora.

Ganhou vários títulos, prêmios e homenagens, como o Prêmio Guararapes, da União Brasileira de Escritores/SP, pelas obras *A fábrica das gaiolas*, *Solidão e mel*, *Uma e una*. Em 9 de novembro de 1985, seu nome foi dado à pequena biblioteca localizada no Parque Moinhos de Vento em Porto Alegre. Foi a primeira mulher a ter a honra de ser escolhida como Patrona da Feira do Livro de Porto Alegre na sua 35ª edição em 1989. Ganhou os prêmios Jorge Lima e Jabuti pelo livro *Geometria de sombras*, em 1992. Teve também suas obras reconhecidas pela Associação de Críticos de Artes, Instituto Piaget (Lisboa), Fundação Nacional Livro Infantil e Juvenil e a Feira de Bolonha (Itália).

Faleceu no dia 15 de dezembro de 2007 e em 2009 todo o espólio literário da escritora foi doado à Biblioteca Central Irmão Otão, localizada em Porto Alegre, e hoje se encontra no Delfos - Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul). As obras de Maria Dinorah

[...] estão situadas, por sua recepção e pela história literária sul-rio-grandense, entre as publicações de literatura infantil de maior êxito junto ao público, especialmente o escolar, tendo sido, talvez, a autora gaúcha mais produtiva e a mais lida pelo público infantil (PITTA, 2015, p. 160).

Para analisar a escrita feminina de literatura infantil e juvenil no RS, escolheu-se o livro *O ontem do amanhã*, de Maria Dinorah (1988). Na obra *O ontem*

do amanhã (1988), da editora Melhoramentos, a autora, em uma narrativa juvenil, conta a história de uma família através do olhar de uma menina, que cresce sem a presença do pai e vendo a aflição da mãe em busca de uma vida digna para a família, enquanto batalha pela liberdade do irmão mais velho, que luta por suas convicções políticas. Nesta obra juvenil, a autora aborda temas fortes e difíceis, como os medos e as aflições vividos por famílias que tiveram seus jovens presos por perseguições políticas, em uma fase sombria de nossa sociedade, como o período da ditadura militar, iniciado em 1964.

A presença do feminino na literatura infantil e juvenil de Maria Dinorah é muito forte e marcante, por isso a opção pela obra em questão. Em *O ontem do amanhã*, ela descreve a mulher, a mãe, a esposa (viúva) e a professora através dos olhos de uma menina, uma criança que cresce em uma realidade política muito difícil, porém com muita delicadeza.

Maria Dinorah, segundo Diana Maria Marchi, em *A literatura infantil gaúcha* (2000), está situada na terceira fase da literatura infantil no Rio Grande do Sul, que teve início no ano de 1959, na fase da literatura no mundo do consumo, período em que o governo do país investia na cultura. O capitalismo foi marcado no Brasil por uma forte concentração de renda, com desigualdades regionais acentuadas pela conservação do latifúndio e pela excludência.

Quando, no Rio Grande do Sul, o mercado próprio de produção e de consumo se configurava, a formação de escritores profissionais que optavam por escrever literatura infantil se instalava definitivamente, e Maria Dinorah destacava-se entre os outros pelo conjunto de suas obras e a qualidade das suas produções.

2.4.1 O feminino na literatura infantil e juvenil

Sabe-se que a história sempre destacou na literatura infantil estereótipos de gênero que comparam o feminino à obediência, à beleza e à passividade e o masculino à força, à liderança e à bravura. Vê-se isso nas versões clássicas dos contos de fadas, como, por exemplo, as adaptadas por Perrault e os Irmãos Grimm, quando suas personagens femininas, na maioria das vezes, são confinadas em casa ou palácio e, nestas histórias, o seu destino é o casamento com um príncipe salvador.

Ao contrário disso, os personagens masculinos são os heróis atuantes e os responsáveis pelas façanhas que conduzem as histórias ao sucesso. Porém, as obras atuais, como *O Príncipe Perfeito* (MONTEIRO, 2002) e *A Princesa que Queria Ser Rei* (MONTEIRO, 2007), invertem esses papéis e apresentam seus protagonistas que quebram esses modelos. O príncipe, por exemplo, de Monteiro, é sensível, cuidador, frágil e ressalta o bem-estar coletivo em vez da dominação. Já, a princesa, não aceita a reclusão do palácio. Ela conquista seu poder pelo seu mérito e não pelo casamento. Essas histórias exemplificam a transformação das identidades de gênero na literatura infantil, trazendo para as crianças representações mais justas e diversificadas, capazes de estimular uma leitura crítica dos papéis sociais historicamente atribuídos.

Decina (2023) parte do reconhecimento de que, embora a literatura infantil exerça papel importante no desenvolvimento das crianças, muitos contos de fadas clássicos veiculam visões patriarcais. A autora observa que “num cenário patriarcal e machista”, meninas e meninos são afetados desde cedo por preconceitos, inclusive “nos contos de fadas” que fazem parte de sua rotina, e que essas histórias frequentemente apresentam “personagens estereotipados, principalmente femininas” (DECINA, 2023, p. 11).

A autora ressalta que essas mudanças refletem uma nova construção dos papéis de gênero. A personagem feminina “não é mais apenas objeto da admiração ou submissão masculina, mas sim protagonista de sua própria história” (DECINA, 2023, p. 51). Decina (2023) reforça que a sociedade tende a classificar ações como “masculinas” ou “femininas”, criando limitações para ambos os gêneros. Assim, a ressignificação crítica dos contos de fadas pode se tornar uma ferramenta poderosa de educação, ampliando as possibilidades de identidade e de autonomia desde a infância.

Na literatura infantil brasileira, a partir da década de 1970, esse modelo patriarcal começou a ser desconstruído por autoras como Marina Colasanti e Ruth Rocha, que passaram a criar protagonistas femininas críticas, ativas e independentes, desafiando o papel passivo que historicamente lhes era atribuído. Essa transformação acompanha mudanças sociais mais amplas, relacionadas ao

avanço dos direitos das mulheres e à luta por igualdade de gênero. Como apontam Queiroz e Buzan (2019), a literatura infantil passou a assumir um papel ativo na modificação do imaginário coletivo e na desconstrução da sociedade patriarcal.

Os autores também enfatizam a importância da literatura infantil escrita por mulheres negras nessas transformações. Autoras como Carolina Maria de Jesus, Neusa Baptista Pinto e Lia Zatz, passaram a construir narrativas que problematizam o racismo, os padrões estéticos impostos às meninas negras e a busca por identidade.

Em obras como *Cabelo ruim?* (PINTO, 2007), as protagonistas enfrentam o preconceito estético e aprendem a valorizar sua imagem e herança cultural. Como observam Queiroz e Buzan (2019, p. 165), “a escrita seria um refúgio, um alento para aquelas mulheres que se sentiam a todo tempo ameaçadas”, sendo também uma forma de resistência e de construção de autoestima. Os autores ainda afirmam que “a escrita infantil contemporânea das autoras da nova geração se mostra independente”, fugindo da “imitação de modelos pré-estabelecidos” e contribuindo para releituras mais diversas e críticas dos papéis sociais (QUEIROZ; BUZAN, 2019, p. 168). Dessa forma, a literatura infantil escrita por mulheres, no Brasil, afirma-se como um espaço de libertação simbólica e social, com potencial formativo e emancipador.

Tal percepção também é encontrada em Queiroz e Buzan (2019), que discutem o papel histórico da mulher na literatura infantil brasileira, abordando a trajetória da autoria feminina desde o século XIX até a contemporaneidade, com ênfase na desconstrução de estereótipos de gênero e na crescente representatividade das mulheres negras como autoras e personagens. Viu-se que, no século XIX, a escrita voltada ao público infantil tornou-se uma das primeiras vias de inserção feminina no campo literário. Ainda que essa inserção tenha ocorrido sob rígidos padrões pedagógicos e morais, ela possibilitou que escritoras como Júlia Lopes de Almeida e Adelina Lopes Vieira publicassem suas obras, apesar de vigiadas pelo olhar masculino dominante. A literatura infantil foi percebida como uma extensão da função social da mulher, assim como educar os filhos, o que viabilizou certa aceitação social dessa produção autoral, embora limitada.

A literatura infantil escrita por mulheres, especialmente quando livre de modelos pré-estabelecidos e engajada na representação da diversidade, desempenha um papel transformador. Além de permitir que as crianças se reconheçam nas histórias, essa produção contribui para a construção de subjetividades livres de opressões de gênero, raça e classe. A escrita feminina na

literatura infantil pode ser um espaço de resistência, de afirmação identitária e de educação para a liberdade e a igualdade.

Com base no exposto anteriormente, pode-se, então, afirmar que a representação do feminino na Literatura Infantil e Juvenil reflete, historicamente, os papéis sociais atribuídos às mulheres em diferentes períodos. Durante muito tempo, as personagens femininas foram construídas a partir de estereótipos que restringiam suas identidades ao cuidado, à docilidade e à espera. Eram, em sua maioria, meninas ou mulheres silenciadas, com pouca ou nenhuma agência sobre suas próprias histórias. Suas vozes eram frequentemente apagadas ou subordinadas às jornadas dos personagens masculinos. No entanto, essa realidade tem se transformado à medida que o olhar feminino ganha mais espaço na produção literária. Escritoras com uma abordagem mais igualitária vêm ressignificando o lugar da menina e da mulher nas narrativas infantil e juvenil. Atualmente, é possível encontrar protagonistas femininas que sentem, pensam, questionam e enfrentam o mundo com coragem e sensibilidade. Essas personagens representam diversas formas de ser mulher, rompendo com modelos únicos e abrindo espaço para que leitoras se reconheçam em suas múltiplas possibilidades. Assim, a Literatura infantil e juvenil torna-se uma ferramenta potente para ampliar horizontes e afirmar a autonomia feminina desde a infância.

Diante dessas transformações na literatura infantil e do papel central das autoras na construção de novas narrativas, o próximo capítulo dedicar-se-á à análise da obra *O ontem do amanhã* (1992), de Maria Dinorah.

3 ANÁLISE DA OBRA: O ONTEM DO AMANHÃ

A obra *O ontem do amanhã* foi publicada pela primeira vez em 1988, pela Editora Melhoramentos, conhecida por seu investimento em literatura infantil e juvenil. A edição aqui analisada é a 10ª, do ano de 1992.

O ontem do amanhã tem como tema o amadurecimento de uma menina pela dor, pela ausência e pela violência. Narrada em primeira pessoa, a obra é contada pelo olhar da filha caçula que visita seu passado junto de sua família. Essa é composta pelo pai, a mãe, a irmã e seus dois irmãos: Lulu, que na época tinha 15 anos, Beto, de 16 e Tata, o irmão mais velho, que contava com 17 anos quando a ação se inicia. Ainda que seus irmãos sejam identificados e nomeados, a narradora não tem seu nome revelado, somente sua idade, 5 anos na época. O que também se pode evidenciar, é que se trata de uma típica família dos anos 70 no Brasil, numerosa e com um núcleo tradicional formado por pai, mãe e quatro filhos.

A narradora conta a história a partir de suas memórias de infância, fazendo uso de uma visão idealizada desse tempo. Ela narra sua casa perfeita, com a presença de um pai carinhoso, que: “Vivia me cobrindo de beijos. Os amigos diziam que, “se eu fosse de açúcar, derreteria” (DINORAH, 1992, p. 7). Moravam em uma casa grande onde tinham um bambuzal, um pátio amplo e uma vida doméstica tranquila. De repente, tudo se transforma, o pai vai embora para sempre e ela passa a viver a fase da ausência. A ruptura vem de forma abrupta, silenciosa e devastadora. Após uma noite de ruídos e movimentos estranhos, a narradora relata: “pela manhã havia na casa um movimento desusado de arrumação. Malas apressadas. Papai sem beijos, pálido...” (DINORAH, 1992, p. 11). Não são apresentados os motivos da partida do pai, somente o choque e o espanto que seu abandono causou, uma tragédia que interrompeu as férias da família e deixou a vida muito mais difícil. A família se muda para a capital e inicia uma nova fase, como apresentado no trecho a seguir.

[...] Foi assim que num desjaneiro de poente amargo nós mudamos. O caminhão de mudanças, velho e desengonçado, onde o que sobrou de nossas tralhas ia amarrado, parecia um imenso espantalho de olhos pendentes, carregando fantasma do que apenas tinha sido. Meus irmãos, com risos nervosos, o viram afastar-se, seguidos pela nossa caravana de desolação (DINORAH, 1992, p. 14-15).

Este momento marca não somente a perda do pai, mas também o fim da infância idealizada: *“Lá ficaram meus cinco anos de beijos de meu pai...”* (DINORAH, 1992, p. 15). A mãe passa a buscar a independência financeira, assumindo sozinha a manutenção e o equilíbrio da família, produzindo, com isso, mais uma ausência no cotidiano da menina, como ela mesma afirma: *“A mãe, antes presença constante, agora tinha que sair cedo pra trabalhar”* (DINORAH, 1992, p. 15), o que ilustra um momento específico vivido pelas mulheres na década de 70.

Então, na busca de um modelo de paternidade idealizada e da ideia de um pai protetor, a menina transfere para o irmão mais velho, que, se não era de dar beijos e abraços, dedicava-lhe atenção, a busca por um porto seguro e protegido. Mas o perfil do irmão não é esse, Tata faz faculdade de medicina e se torna líder estudantil, o que passou a desesperar a mãe, como ocorreu com muitas outras mães de militantes durante a ditadura militar. É nesse contexto que a narrativa se entrelaça à história política do país.

O ambiente familiar se torna tenso: *“Vivíamos todos em estado de pânico. Notícias falavam a cada hora de torturas, fugas, mortes, exílios”* (DINORAH, 1992, p. 18). A repressão política toma conta do cotidiano da família. Tata, envolvido em manifestações contra a ditadura, é preso e logo é solto, mas mesmo assim não larga a militância. Sempre que tinha uma manifestação, ele estava. Numa dessas, provavelmente no Rio de Janeiro, o jovem viaja mesmo com a mãe pedindo para que ele não fosse. Então, cai na clandestinidade¹ e fica desaparecido, fazendo com que a mãe tivesse que lutar por sua liberdade, pois tinham contra ele uma ordem de prisão.

Quando Tata foge e permanece foragido, isso afeta a menina, que associa a experiência ao pai ausente: *“Em meus silêncios e lembranças sua figura se confunde com a de meu pai: Se fosse de açúcar, derretia”* (DINORAH, 1992, p. 23).

¹ Clandestinidade política foi a alternativa que muitos militantes de esquerda encontraram para continuar no país, combatendo a ditadura civil militar entre 1964 e 1979. A clandestinidade contava com uma variável conhecida: permanecer em território pátrio. Logo, a liberdade de ir e vir, conviver com os amigos e familiares é substituída pela liberdade de continuar a defender as mesmas ideias de outro lugar tornado escondido dentro do próprio país. O clandestino lida o tempo todo com a contradição entre desejar fazer e não poder, desejar ir e não poder ir.

Depois de a mãe muito lutar pela liberdade do filho, que tinha uma ordem de prisão contra ele, a menina se enche de esperança, no entanto, o retorno não atende às expectativas emocionais da personagem. O reencontro revela um homem irreconhecível: “Meu irmão NÃO ERA MEU PAI. Nem sequer era ele mesmo, era outro. Quietos, sem palavras, parecia meio fora do mundo” (DINORAH, 1992, p. 36).

Tata, mesmo com garantias de não ser preso, acaba caindo numa emboscada e sendo novamente capturado. Todos se desesperam e a mãe luta para tirá-lo da prisão. Com a ajuda de uma “pessoa influente” para quem ela já havia suplicado a liberdade do filho e tendo garantias de que não seria preso novamente, o rapaz é liberto. A narradora reproduz, então, o testemunho do irmão sobre o período de cárcere: “Passei uma noite de cachorro” (DINORAH, 1992, p. 42). Depois disso, ele não é mais preso e a família retoma, aos poucos, sua rotina.

Os anos se passam e a menina nos apresenta o destino de cada um: Aqui já se sabe que seu pai morre de câncer, Tata se forma médico psiquiatra, Lulu, socióloga, Beto, conclui arquitetura, e ela, assim como seu pai e seu irmão mais velho, forma-se em medicina também. Através do olhar da menina, acompanha-se sua trajetória de amadurecimento, crescendo em meio às lutas de sua família, que, por sua vez, entrelaça-se à história política brasileira dos anos 70. Lê-se na obra:

[...] Este ano todos votamos neste nosso desvalido país — que tem trinta milhões de analfabetos, cinco por cento de leitores. Poucas livrarias pra todo território nacional, milhares de crianças que morrem de fome ou vivem de teimosia — mas que agora começa a tomar uns ares de democracia. E concluo que, não só o mano, mas todos nós da família, a seu jeito e modo, somos subversivos de nascença, por sermos pessoas pensantes, corajosas, e por ainda sonharmos com alguma coisa maior que miséria, alienação e injustiça (DINORAH, 1992, p. 45-46).

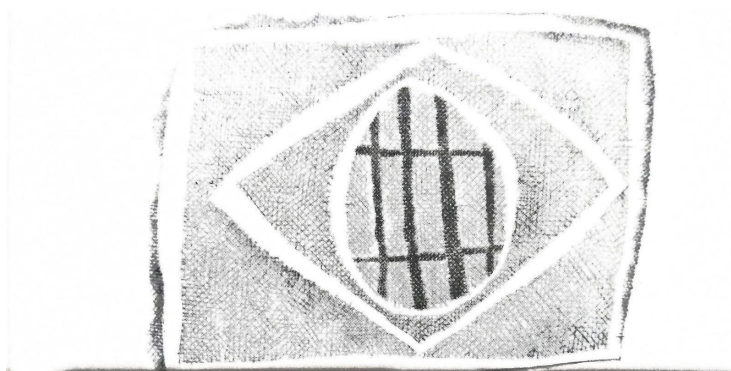
Além do núcleo familiar, é importante destacar outras personagens que se tornam relevantes para o enredo. A obra fala também da presença da empregada negra, que não é nomeada, mas que é apoio, alicerce e amparo para todos. Diz a narradora acerca dela: “Grande figura em nossas desvalidas vidas de então” (DINORAH, 1992, p. 23). No retorno do irmão militante para a casa, a “empregada” não o reconhece e isso o entristece, o que revela a importância dela para a família, como apresentado no trecho a seguir:

Foi a noite que ele chegou.
 Estávamos só eu e a empregada em casa quando a campainha soou, e ela levou um susto enorme, ao abrir a porta, deparou com aquele vulto barbudo e cadavérico que estava a sua frente.
 Ia bater a porta, achando que fosse assaltante, quando meu irmão falou:
 — Não dá pra me conhecer, minha preta? Sou o Tata!
 — O Tata, Deus nos acuda! O que fizeram de ti, rapaz! E começou a chorar. (DINORAH, 1992, p. 32).

Há, também, Luci e Tetê, vizinhas de apartamento que acolhem a garota e dão suporte à família. Trata-se de mulheres trabalhadoras, Luci era publicitária e Tetê trabalhava em uma fábrica de chocolate. Era com quem contavam para falar com o Tata, pois usam o telefone de Luci para ligar para ele.

É importante destacar que a obra tem ilustrações bem marcantes, usando um traço semelhante ao grafite, como, por exemplo, a bandeira do Brasil ilustrada em cores cinza, com grades em seu centro. São, em sua maioria, imagens que remetem ao tema da repressão que o livro aborda. Abaixo, a Figura 1 ilustra a bandeira com grades.

Figura 1 – Ilustração da bandeira do Brasil com grades



Fonte: *Ontem do amanhã* (DINORAH, 1992, p. 22).

Acompanha-se o amadurecimento da menina protagonista até os primeiros anos de juventude, quando se forma em medicina. A obra dirige-se a um leitor pressuposto juvenil, uma vez que se centra em seu percurso da infância ao início da adultez. A autora aborda temas fortes e difíceis, como os medos e as aflições vividos por famílias que tiveram seus jovens presos por perseguições políticas, além de tematizar os papéis familiares e as dores da separação e do abandono.

A seguir, apresenta-se a reflexão sobre como ocorrem as marcas femininas na escrita de *O ontem no amanhã*.

3.1 A voz feminina em *O ontem do amanhã*

Inicia-se a análise com a protagonista, que não tem seu nome revelado. Ela cresce cercada por perdas, silêncios e dúvidas. Ela tem no afastamento de seu pai, figura idealizada, um impacto profundo. Ele é descrito como afetuoso, protetor, alguém que lhe oferecia carinho e segurança. A narradora recorda esse laço afetivo dizendo que ele “vivía me cobrindo de beijos” e que segundo os amigos, “se eu fosse de açúcar, derretia” (DINORAH, 1992, p. 7). Essa lembrança transforma-se em algo ainda mais marcante à medida que o vazio deixado por ele se torna definitivo, forçando-a a buscar essa referência de proteção no seu irmão mais velho, o Tata. No entanto, essa substituição é frustrada. “Em busca de alguma compensação pras faltas, eu buscava em meu irmão mais velho a figura de meu pai, que me roubaram sem a menor explicação” (DINORAH, 1992, p. 16), e essa expectativa emocional não se concretiza. E, é na figura das mulheres ao seu redor que ela encontra força, identidade e exemplo, pois tem em sua mãe a resiliência, na empregada a fidelidade e nas vizinhas o exemplo de independência.

Ao final da obra, a narradora conta que provou não ser de açúcar, que não derreteu, e formou-se médica igual ao seu pai e ao seu irmão, assim descrito a seguir.

Não sou de açúcar, nem tampouco derreti.
A prova disso é que hoje – passaram tantos anos!
— também recebo meu diploma de médica.
Sei agora que meu pai morreu de câncer.
Em meu estágio, trabalhei com doentes portadores dessa terrível moléstia,
e penso especializar-me no assunto.
Talvez como uma maneira de resgatar meu passado.
Talvez de, dando alívio e conforto aos pacientes, redimir-me das ausências
que me foram impostas quando do sofrimento do meu pai.
Não foi fácil elaborar todo esse processo em minha cabeça. Mas consigo ir
achando os meus caminhos (DINORAH, 1992, p. 44).

A mãe também não é nomeada. Após a morte do marido, passando por uma transformação marcante, assume o sustento da casa, trabalha em vários turnos, estuda à noite, faz doces e empadas nos fins de semana para complementar a renda. “O que ela fazia melhor eram empadas e docinhos pra casamentos” (DINORAH, 1992, p. 17). Ela ainda encontrava forças para lutar pela liberdade do filho preso. Sua trajetória é atravessada pelo silêncio imposto e pelo sacrifício constante, como

revela o trecho “Mamãe sabia também que havia um preço pra esta ajuda. Silêncio. Omissão. O que uma mãe não faz pra salvar um filho! Renega a própria alma!” (DINORAH, 1992, p. 29).

Destaca-se, também, a presença da “empregada preta”, uma mulher invisibilizada socialmente, pois também não tem nome na narrativa. Ela é essencial na estrutura da família, é quem dá estabilidade e afeto emocional para a protagonista, representando o cuidado constante, especialmente, na ausência da mãe. A narradora refere-se a ela com carinho e reconhecimento: “Cresci com sua figura ao meu lado, ranzinza às vezes, fiel sempre. Grande figura em nossas desvalidas vidas de então” (DINORAH, 1992, p. 23). Este tipo de representação reflete, como já dito, a escrita de literatura infantil de autoras contemporâneas, fugindo da “imitação de modelos pré-estabelecidos” e contribuindo para releituras mais diversas e críticas dos papéis sociais (QUEIROZ; BUZAN, 2019, p. 168).

Outra personagem feminina relevante é Luci, a vizinha publicitária que se encanta pela menina e a leva para pequenas participações na televisão. Ela e a amiga Tetê representam mulheres independentes, ela tinha até telefone em casa, algo que era um privilégio para aquela época, “Era pelo telefone de Luci que a mãe fazia os contatos” (DINORAH, 1992, p. 26). Elas que ofereciam momentos de alegria e novas experiências à narradora. São personagens que apontam para um universo feminino fora do núcleo familiar tradicional, com liberdade e autonomia.

Em relação aos personagens masculinos, vemos que o pai é a primeira figura a ser lembrada. Não tem apresentação de nome, pois em uma família “tradicional” patriarcal, o “pai” é a figura que tem o “poder”, que provê o sustento, que tem a autoridade sobre a mulher e os filhos. Ele tem o domínio principalmente nas mulheres da família e se responsabiliza por sua “proteção”, tanto que a narradora tem essa imagem mesmo convivendo com ele por pouco tempo. Ele de repente desaparece da vida dela, deixando toda a família sem o “alicerce” da sua figura masculina, sem o pai de família. “Lá ficaram meus cinco anos de beijos de meu pai... O que seria de nossa família nesse lugar estranho, nessa cidade imensa, sem amigos, sem espaço, sem ele?” (DINORAH, 1992, p. 15). A família, a partir de sua “saída”, precisa se reinventar, superar sua ausência, não só da pessoa, mas de tudo o que ela representa, fazendo com que os filhos tenham no protagonismo da mãe a superação da falta que esta figura paterna traz. É assim que eles superam a lacuna pela ausência do pai.

Há uma pessoa influente que a ajuda. Um homem que, para ajudar a mãe com a liberdade do filho, cobra o seu silêncio, o que faz com que a mãe se torne uma mulher amordaçada. Isso a narradora nos mostra quando fala: “Mas a mãe sabia também que havia um preço pra esta ajuda. Silêncio. Omissão” (DINORAH, 1992, p. 29). Este homem influente mostra que a mulher deveria ser silenciada, submetida, algo coerente com o contexto de repressão que a obra enfoca. Ela tinha que ser submissa, poderia ser “o pai de família”, mas não poderia ter voz. A figura importante representa a máxima de “pôr a mulher no seu lugar”.

Acerca do irmão mais velho, Tata, após a morte do pai, a narradora projeta nele o afeto perdido: “Em busca de alguma compensação pras faltas, eu buscava em meu irmão mais velho a figura de meu pai, que me roubaram sem a menor explicação” (DINORAH, 1992, p. 16). No entanto, Tata é também figura de luta. Envolvido com o movimento estudantil, é preso várias vezes, perseguido, foragido e finalmente libertado por meio de um acordo político. Ele não corresponde ao que a narradora busca nele, ele não é o pai. Ele é outro tipo de masculinidade que não se identifica com o universo doméstico, familiar, não assumiu o lugar do pai quando ele morreu, tomando para si a busca do sustento da casa. Ele saiu em busca do que ele acreditava, seus sonhos e seus ideais. Já, o outro irmão, Beto, aparece menos, mas cumpre um papel importante, ele é carinhoso com a narradora, embora ausente em muitos momentos: “Beto era bom pra mim, mas pouco parava em casa” (DINORAH, 1992, p. 20).

A protagonista, ainda menina, encontra nos gestos e nas ações das mulheres ao seu redor, a mãe, a empregada e as vizinhas, exemplos de força, superação e solidariedade. O fato de não nomear/identificar essas personagens, pode ser lido como um recurso para enfatizar todas as vivências históricas silenciadas. Além disso, revela a capacidade da mulher na reconstrução do lar e na formação da identidade da narradora. A tradição patriarcal, segundo Tedeschi (2016) impôs um modelo de narrativa histórica onde o masculino ocupava o centro do discurso. Nesta obra o homem sai de cena, ele não está presente na vida da narradora e as figuras femininas dão base para o desenvolvimento da protagonista.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos de Almeida e Weissheimer (2018), é relevante destacar que Maria Dinorah integra, de modo exemplar, o grupo de mulheres que se dedicaram à escrita da Literatura Infantil e Juvenil no Rio Grande do Sul, o que justifica o interesse por sua obra.

A autora faz parte da geração que promoveu uma renovação crítica da Literatura Infantil e Juvenil. No texto, ela aborda isso quando a mulher sai de sua zona de “conforto”. Mesmo que na obra ela seja obrigada a tal atitude, ela vai à luta pelo sustento, pela segurança da família, por sua independência financeira. Isso fica claro quando volta a estudar para melhorar sua renda, trabalhando o dia inteiro como professora, o lugar que, como visto no início desta pesquisa, a sociedade da época declarava como o adequado para a atuação profissional da mulher.

Cabe destacar que Maria Dinorah apresenta-nos com sua narrativa essa nova atitude feminina, justamente no lugar atribuído à mulher dentro da sociedade patriarcal: o espaço da família, antes cenário de confinamento simbólico, mas que passa a ser também um território de resistência e de protagonismo feminino. Como aponta Esser (2014), a partir do momento em que as mulheres têm acesso a outras leituras e questionamentos, passam a problematizar sua condição social e intelectual, desafiando o domínio masculino legitimado historicamente.

Viu-se em Buzan (2019) que o feminino na Literatura Infantil e Juvenil refletiu por muito tempo nos papéis sociais impostos às mulheres, relacionando-as a estereótipos de docilidade e passividade. Em contrapartida, na obra de Dinorah, surgem novos modelos de feminino: a mãe que luta, as vizinhas independentes, como Luci, a publicitária, e Tete, a operária, e a própria protagonista, que abandona o lugar submisso e dócil com que o pai a via. Trata-se de mulheres que vivem sem assistência masculina, que se tornam protagonistas da própria vida. A própria narradora cresce e amadurece diante dessas referências femininas de autonomia e de força.

Sendo assim, respondendo à questão de pesquisa que esse trabalho enfoca, conclui-se que a obra juvenil *O ontem do amanhã* (1988), da escritora gaúcha Maria Dinorah, ilustra uma escrita feminina que rompe com os modelos patriarcais que marcaram a literatura infantil e juvenil. Através de suas personagens

femininas, ela propõe uma nova forma de representação do feminino, dando ênfase às mulheres independentes e protagonistas de sua vida.

O protagonismo feminino, a valorização da mulher e de suas lutas, dá voz e representatividade para as mulheres, rompendo com os modelos masculinos e patriarcais que marcaram a literatura infantil e juvenil brasileira e gaúcha no seu surgimento.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Magali Lippert da S.; ALMEIDA, Marlon Mello de M.; GOMES, Júlia de Andrade. A produção literária sul-rio-grandense contemporânea (1976-2016). *Navegações*, v. 12, n. 2, e35605, 2020. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/35605>. Acesso em: 30 out. 2023.
- ALMEIDA, Magali Lippert da S.; WEISSHEIMER, Gabriela. A produção literária das mulheres sul-rio-grandenses (1976–2016). *Travessias Interativas*, v. 8, n. 16, p. 453–466, 2018. DOI: 10.51951/ti.v8i16. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/Travessias/article/view/10303>. Acesso em: 16 out. 2023.
- BOJUNGA, Lygia. *A bolsa amarela*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 1976.
- BUZAN, Eliane Debus. A escrita da infância: uma introdução. In: BUZAN, Eliane Debus (org.). *Literatura infantil: vozes e imagens*. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 2019. p. 11–28.
- CIA, Neiva Kampff. Onde está Maria Dinorah? In: MOREIRA, Maria Eunice (org.). *Papéis nada avulsos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. p. 189–208.
- CLANDESTINOS e revolucionários. *Carta Capital*, São Paulo, s.d. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/clandestinos-e-revolucionarios-6270/>. Acesso em: 11 jun. 2025.
- DECINA, Thainá. *Escritas de mulheres: perspectivas femininas na literatura brasileira*. São Paulo: Autêntica, 2023.
- DINORAH, Maria. *O ontem do amanhã*. 10. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1992.
- ESSER, Débora Cristina Lopes. Literatura de autoria feminina: mulheres em cena, na história e na memória. *Línguas & Letras*, v. 15, n. 30, p. 117–132, 2014. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/10658>. Acesso em: 15 abr. 2024.
- FIGUEIREDO, Isabela. *Caderno de memórias coloniais*. Coimbra: Angelus Novus, 2011.
- INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO. *Maria Dinorah*. Porto Alegre: IEL/CORAG, 2002. (Coleção Autores Gaúchos – Nova Série, 7).
- JORGE, Lúcia. *A costa dos murmúrios*. Alfragide (PT): Dom Quixote, 2009. MARCHI, Diana Maria. *A literatura infantil gaúcha*. In: ZILBERMAN, Regina;
- MAGALHÃES, Júlio (orgs.). *A literatura infantil na escola*. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000. p. 65–82.

PITTA, Paula. *Maria inventa o mundo*. Navegações, v. 8, n. 2, p. 162–169, 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/23302>. Acesso em: 30 out. 2023.

QUEIROZ, Renata Junqueira de Souza; BUZAN, Eliane Debus. A autoria feminina na literatura infantil brasileira: trajetórias, desafios e conquistas. *Revista Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil*, v. 11, n. 21, p. 157–171, 2019.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5–22, 1990.

TEDESCHI, Losandro Antonio. Os desafios da escrita feminina na história das mulheres. *Raído*, [S. l.], v. 10, n. 21, p. 153–164, 2016. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/Raido/article/view/5217>. Acesso em: 27 nov.. 2024

WOOLF, Virginia. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Porto Alegre: L&PM, 2013.